

## DAS MANEIRAS E DAS FORMAS DE DIZER DE/SOBRE UMA OFICINA: O TRABALHO COM OS MAPAS SENSACIONAIS

Danilo Stank Ribeiro  
PPGE- UDESC  
danilostankr@gmail.com

Karen Christine Rechia  
CA/CED/UFSC  
krechia@gmail.com

### Resumo:

O presente texto tenta fazer um exercício de pensar os diferentes modos de dizer que constituem o trabalho de conclusão de curso Geografia Experimental do Corpo. Acompanha-se esse processo de pesquisa para pensar sobre um dizer que seja quase indissociável daquilo que diz, ao mesmo tempo que pensa sobre uma prática de oficina em Geografia que propõem, sem o uso da visão, realizar um percurso sensório-espacial com os participantes, e por fim, confeccionar um mapa para a partir disso conversar sobre cartografia, dizer desses encontros é que esse texto ensaja.

Palavras-chave: oficina; mapas sensacionais; educação em geografia

*Escrever para que? Escrever para dizer alguma coisa. Escrever por escrever, como impulso do pensamento. Escrever para relatar uma prática, para fixar no papel aquilo que não foi dito pela palavra, está em movimento, deu-se no corpo, teve o corpo como matéria, marcou.*

*Escrever como respirar, em um só fôlego. Assim os dedos se movimentam, procuram a tecla que representa a letra, e outra, e mais outra, e a palavra vem à tela antes que a cabeça a pense. E ela é viva. Pois só assim, viva, é que a palavra pode se aproximar da vida, e tentar dizê-la em todo o seu furor. Mas a vida escapa a palavra que pretende aprisionar (justificá-la, colocá-la retilínea de margem a margem, espaçada simetricamente, caractere após caractere).*

*Ela é mais rápida que o toque da tecla. Ela, a vida, enseja então outras formas de dizer. Pois quando a palavra não dá conta, quando ela não dá conta de dizer da vida, de dizer o que acontece... Ela se transforma, ela extravasa à veia do pulso que segue, e aí, ela já é outra coisa que não ela, não está mais em relação à coerência, a coesão... Não mais tem a ver com a forma...E assim ela se faz, e assim ela se ressignifica. ...em sua incompletude.<sup>1</sup>*

Trazemos esse primeiro fragmento que abre o trabalho de conclusão de curso *Geografia Experimental do Corpo*<sup>2</sup> para tentar aqui, neste texto, pensar (com) questões (sem respostas) que permearam de algum modo a escrita e a construção desse trabalho-pesquisa, ou de outra forma, pensar as maneiras de dizer de algo que acontece, nos

---

<sup>1</sup> Exercício livre sobre os sentidos de escrever que permeiam e abrem o trabalho abaixo citado, que tem inspiração em SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar/ Carlos Skliar; trad. Giane Lessa -- 1 ed. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. - (Coleção Educação: Experiência e Sentido/ coordenadores Jorge Larrosa, Walter Kohan.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Danilo Stank. **Geografia experimental do corpo**. 2015. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015

acontece e de maneiras de dizer que sejam de certo modo indissociáveis daquilo que se diz, e como isso pode nos trazer algumas questões sobre cartografia e talvez, como possibilidade, elas tenham a potência de trazer algo novo nesse âmbito:

dizer num sentido amplo da utilização da linguagem, ou seja, não só em seu uso instrumental de comunicação, mas também e principalmente, em seus múltiplos sentidos simbólicos, como os de tomar posse, nomear, tornar existente (OLIVEIRA Jr, 2009, p. 20-21).

Tentaremos fazer aqui um exercício livre e pontualmente poético com algumas partes e imagens que o compõem, nos remetendo a elas para tentar com isso percorrer caminhos que nos levam a outros, e depois outros. Caminhos estes que se fazem a medida do passo dado, pé por pé, letra por letra, e por isso mesmo, se confundem com aquele que caminha, com o registro do caminhar, pois nessa relação dupla, ambos partilham desse movimento simples de seguir.

Caminhar significa colocar essa posição [sujeito – objeto] em jogo, significa ex-posição, estar fora de posição [...]. Pode-se dizer que caminhar é a atividade física de deslocar olhar [...] ao longo de uma linha arbitrária, um trajeto que ao mesmo tempo existe (e é recapturado) e abre caminho para novos olhares (sem levar, portanto, a um lugar anteriormente determinado, mas a um caminho sem destino ou orientação). (MASSCHELEIN, 2008, p. 36-39).

Portanto mesmo os caminhos anteriormente marcados por outros andantes, mesmo aqueles em que o chão parece conduzir, aqueles que parecem levar de um lugar ao outro, mesmo aqueles em que não se abriu à picada, mesmo aqueles que já parecem percorridos, familiares, mesmo nesses a errância se faz possível, pois de certo modo é preciso estar atento. Atenção como abertura para o mundo.

A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal, onde há uma concertação sem focalização. O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro (KASTRUP 2010, p.57).

Caminhar e não correr, dar o tempo de experimentar o entorno, observar seus companheiros que partilham do mesmo prazer de colocar-se em movimento. Um olhar sem pressa, atencioso para o momento e que advém dele poderá trazer profundidade a experiência por vezes entendida ou vista como banal, ou de outra forma, como coloca Masschelein sobre a atenção e a experiência

atenção é precisamente estar presente no presente, estar ali de tal forma que o presente seja capaz de apresentar a mim (que ele torne visível, que posso vir a mim e eu passe a ver) e que eu seja exposto a ele de tal forma que eu posso ser transformado “atravessado” ou contaminado, que meu olhar seja liberado (pelo “comando” daquele presente). Pois atenção torna a experiência possível. (2008, p. 42).

Uma poeira que incrusta nas roupas, nas unhas, nos pés em carne viva, no corpo, encarna-se nesse Ser, e isso fica. Exausto, ele ainda caminha sem saber muito bem por que, e segue sem saber muito bem para onde, pois

Ele nunca chega a lugar nenhum. No entanto, está sempre indo. Invisível para si mesmo, ele se entrega ao impulso de seu próprio corpo, como se pudesse seguir a trilha daquilo que se recusa a conduzi-lo. E pela cegueira do caminho que escolheu contra si mesmo, a despeito de si mesmo, com suas guinadas, seus desvios e suas meias-voltas, seu passo, sempre um passo à frente de lugar nenhum, inventa a estrada que tomou. É sua estrada é só sua. [...] Mas esse pensamento não lhe traz consolo nem esperança. Pois resta o fato de que deixou tudo isso para trás e, em todas essas coisas agora consignadas à ausência, à saudade nascida da ausência, ele poderia outrora ter se encontrado, preenchido a si mesmo, obedecendo a única lei que lhe foi dada, de permanecer, e que ele agora transgredir, ao partir. (AUSTER, 1996, p. 26 -27).

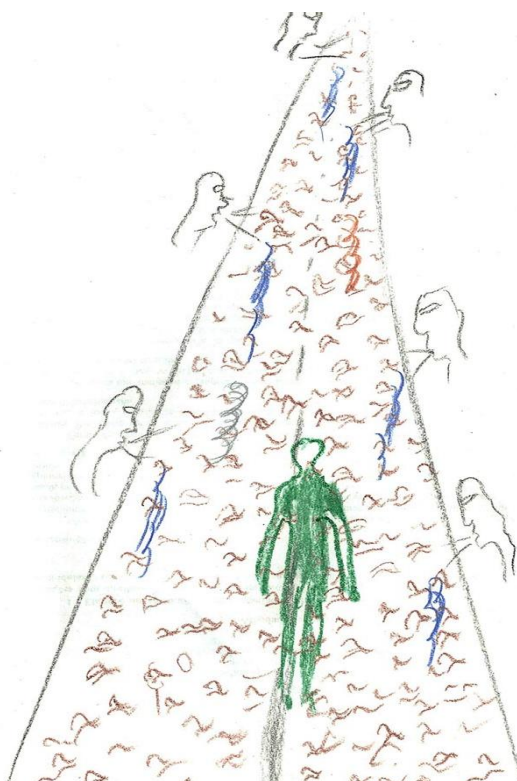


Fig. 1 Paisagem Sensacional<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Chamo aqui de *paisagens sensoriais* as produções que cada participante fez para expressar a experiência que teve durante a apresentação de uma parte do trabalho que estamos falando durante o III Colóquio Internacional **A Educação pelas Imagens e suas Geografias** em Vitória- ES, no ano de 2013, todas disponíveis em <http://www.geoimagens.net/#!/sc-mapas>. Nas oficinas que deram origem a este trabalho - cujo título é **Geografia Experimental do Corpo** - o tempo para produção é maior tendo como premissa o deslocamento pelo e no espaço sem o uso da visão, portanto o produto que dela se origina chama-se *mapa sensorial*, justamente por uma escala mais “abrangente”. A experiência que aqui exponho possui, em relação à oficina, uma escala maior, isto é, diminui-se o recorte e aumenta-se o detalhamento portanto, tem-se aí a paisagem como exemplo, motivo pelo qual optou-se pelo uso do termo, como analogia a essa diferença.

Da onde se parte (se ainda é possível falar em começos), como se preenche essa *folha em branco*, o que dá impulso ao pensamento, dá movimento ao passo, o que se conjura e conjuga para fazer nascer, para compor, para ajudar a dizer, para traçar linhas e os rostos que nela margeiam, como se diz disso que se passa, que palavras dizem do que nos acontece...?

Por certo, se começa por esse esboço, por rasuras quase inelegíveis em um papel, escritas assim, rapidamente para dar existência impressa a uma ideia (que) vaga, e uma questão: Como se carto(gra) o invisível? Que elementos aparecem ou tem maior evidência quando se cartografa uma paisagem que se percebe e se percorre sem o uso da visão? E aí se desencadeiam palavras que tentam dar forma, justificar, dizer, conceituar, localizar (para fazer um paralelo com mapa) de um caminho que só se faz seguindo, por isso ele é *o que não é, mas poderia ser*<sup>4</sup>. E talvez por essa razão, é que tenha tantos “ver” (desdobrar com, aprofundar em) onde não se vê, pois, como primeiro movimento, ele é aberto ao que ainda será, e que, ao mesmo tempo aponta para aquilo que cada qual leva consigo antes de partir, esse (quase) indispensável, e que retorna consigo ao regressar, esse (quase) indizível.

Se há então um ponto forte no sentido de escrever aqui, é esse de dizer. Escrever é em certo sentido uma vontade de dizer. Dizer do que nos acontece, do que se passa.... Mesmo que, por vezes, um silêncio baste.

E dizer é tudo (ou quase tudo) que fazemos ou que perpassa o que fazemos (de algum modo). É essa coisa que fazemos quase constantemente, seja para mostrar competências, organizar ideias, proferir coisas, apresentar trabalhos, o que aproxima dizer dessa coisa institucional, essa coisa que por vezes esvazia e condiciona nossos modos de dizê-lo. Mas dizer também tem esse algo de expressar, de exprimir, de expor, esse movimento que vai para fora, que sai, que se expõe. Dizer como estar exposto, colocar-se para fora, à perigo, à luz, o que aproxima dizer da vida nessa imagem forte e bela que é o nascer. Dizer para fazer existir, para vir habitar um mundo, para trazer (dar) à luz. Poderíamos inferir também que dizer estaria nesse entremeio daquilo que ainda não é, e aquilo que um dia foi, momento que a luz incide, ao que ela oblitera, onde um tempo único marca o compasso, e um eco murmura no escuro um pouco daquilo que um dia já fomos/dizemos.

Mas aproximar a expressão/palavra *dizer* com a de *nascimento* penso que podemos arrastá-la próximo da ideia que a antecede, que é a de gestar, que tem esse tempo de espera, esse tempo lento que rivaliza com um tempo dinâmico, informacional, constante. O tempo de gestação é esse tempo que tem algo de passional (de esperar algo tornar-se, de paixão), esse tempo de abertura para que algo nos aconteça (experiência).

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceituada porque escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento (LARROSA, 2014, p.43).

---

<sup>4</sup> Em referência a esse primeiro movimento que se faz para esboçar coisas, que aparecem no trabalho, aqui e ali como imagens de anotações e esquemas de planos de aula.

Mas gestar, ao mesmo tempo que se aproxima do dizer como tempo de formação desse Ser/palavra ligado a experiência (de gestar/escrever) como também tem essa relação imagética e etimológica com gesto<sup>5</sup>, um movimento. E dir-se-ia, de modo geral, que uma movimentação qualquer é composta por muitos gestos em sequência. No entanto, há sempre um, aquele impulso inicial, aquele ímpeto, aquilo que dispara um primeiro passo que desencadeia uma sequência de outros, ou ainda, que influi na sequência de um movimento já dado, alterando ou iniciando um deslocamento, mudando um curso, que talvez, por alguma razão, já tenha a tendência de mudar. E aí, uma linha reverbera na outra, pulsa em um liame ritmado, que embala esse gesto de transformar essas *topografias vibracionais* em imagem para dar conta de dizer de um encadeamento de sons que se escuta.<sup>6</sup>

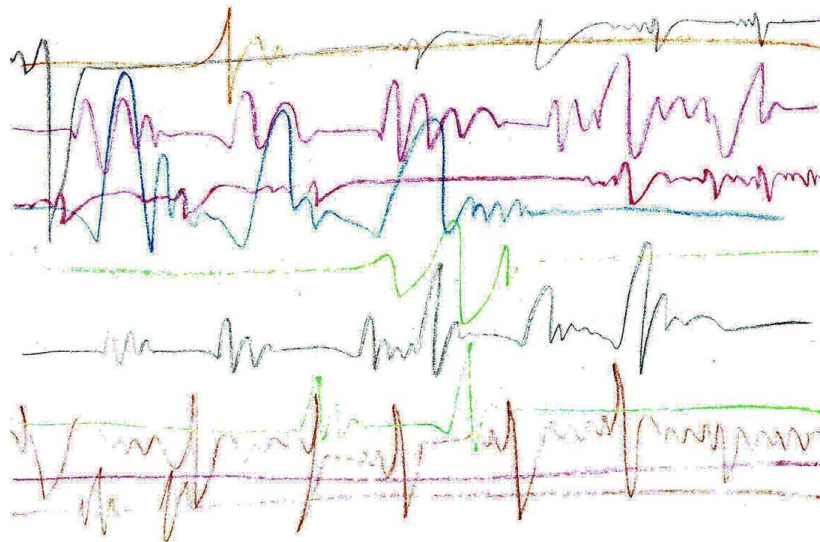


Fig. 2 Paisagem Sensacional

Mas e agora, que aparentemente o caminho foi percorrido, o trabalho pronto, linhas variantes preencheram a folha de margem a margem, como ter certeza de que se disse aquilo que se queria, na forma que se queria? (se isso é realmente algo possível) Quando os encontros, as imagens, as anotações ficam fadados a reminiscências virtuais, ao limbo das inúmeras pastas, a lixeira, quando esse material que compõem um trabalho/pesquisa parece não dizer mais nada além daquilo que já disse, como se reinventar, continuar pensando e dando sentido ou sem-sentido as nossas coisas?

---

<sup>5</sup> E uma porção de gestos compõem esse trabalho: O gesto daquele que explica, aquele que aponta, que direciona o olhar; um gesto de aluna que faz uma barriga com as mãos juntamente a algo como, *mas professor, o corpo também tem seus relevos*; um gesto de seguir, de ir tentando, de escolher; um gesto de guiar como bailar; um gesto de vendar o outro para *ver a menos*; um gesto de dizer, pegar isso que se passou, e tentar dizer disso, com isso, por isso. Gestos que engendram outros, depois outros, e que compõem esse movimento de errar.

<sup>6</sup> A expressão *paisagem sensacional* (Fig. 2), faz um jogo com seus elementos e o processo de criação da mesma que tem origem em uma apresentação de trabalho que consistia em ouvir a *experiência sonora* de olhos vendados e rabiscar no papel essa paisagem que fica. Mais sobre isso ver: RIBEIRO, Danilo Stank. Paisagendo na composição de paisagens sensacionais. In: **Ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens** GUIMARÃES, L. B. [et. al.] (org.). 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

E pensar não para somente “raciocinar ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece [experiência]. E isto, o sentido ou sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros, diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LARROSA, 2014, p. 16-17).

Quando nos faltam palavras para avançar, resta-nos talvez o “consolo” de crer que mesmo um ponto final não encera essa reverberação que extrapola a anunciação de um possível fim.

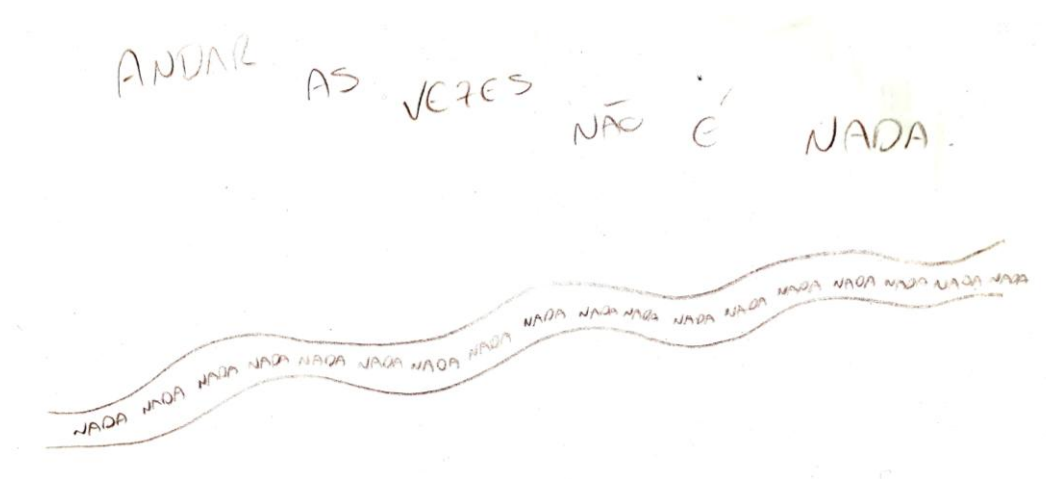


Fig. 3 Paisagem Sensacional

Mas primeiro chamemos de *caminho* o trabalho que estamos percorrendo, para saber do que se tenta dizer. Este trabalho tem origem e se remete a uma sequência de oficina<sup>7</sup>, ou melhor, de um processo de pesquisa em Educação na área de Geografia, que circunda uma temática Cartográfica, e que se constituiu no encontro que teve essa oficina com um modo de operar, de dizer e de fazer. Ela foi intitulada *Geografia Experimental do Corpo*<sup>8</sup>, teve início em 2012 e basicamente surgiu como um modo de

<sup>7</sup> Pensamos oficina como ferramenta de pesquisa, que se chega como uma vontade temática do “oficineiro”, que tem como centro o fazer juntos, uma troca de saberes e experiências, cujo tema “é o eixo em torno do qual os saberes de cada um eram ativados, no sentido de uma produção comum, como resultado das diferentes competências atuantes, das diferentes visões de mundo, do vivido de cada um” (CORRÊA, 2000 p.119) ou como coloca Godoy “não se destinando a ensinar alguma coisa, tampouco a dizer o que cada um deve sentir ou pensar e alheia a objetivos e finalidades, nas oficinas considera-se que o que é dito, o que é feito e o que é sentido deve ser tomado na sua relação com o modo como se agenciam nossa forma de pensar, agir e sentir”.(2011, p.3).

<sup>8</sup> Oficina originada em parceria com Raoni Borges, graduado em Licenciatura em Geografia da UDESC no ano de 2012, época em que era bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID - CAPES, sob a condenação da prof. Dr<sup>a</sup> Ana Maria H Preve, cuja primeira experimentação foi

operar uma geografia ligada ao corpo e sua interação com o espaço. Uma ferramenta de pesquisa que parte de uma atividade, um encontro para fazer/pensar uma *geografia que parte de nós*. Nela, sem a visão, mediante ao uso de uma venda (recorte de pano escuro) percorre-se um trajeto que se constrói de forma a estimular constantemente os sentidos para além da visão, tentando com isso criar alguma marca e por fim, materializar isso em um mapa – o Mapa Sensacional<sup>9</sup> – ao passo que problematiza uma geografia/cartografia menos estática e mais extática. De outra forma,

propomos a exclusão do ver, do ver com os olhos, e com isso ativamos um ‘ver a mais’ apoiado no que o corpo tem disponível para explorar o mundo e que na maioria das vezes está adormecido. Porque um corpo pode mais do que está previsto. Provocar uma experiência, inventar modos e jeitos de experimentar o espaço com o corpo, traçar um percurso sensitivo, problematizar a dificuldade de pensar e produzir Geografia para além do visual, do externo, do longínquo (RIBEIRO, DESIDERIO; PREVE, 2013a, p.4).

De forma breve, na oficina se chega para partilhar uma experiência, compartilhar e agregar reflexões, e por aí ela passou por muitos lugares, estabelece muito encontros, que indicaram alguns modos de fazer e perceber. Inicialmente foi proposta no ensino fundamental, na rede estadual de ensino, onde seguiu-se pensando questões sobre o fazer-se professor-oficineiro para diferentes cursos de graduação, sendo oferecida também em cursos de formação de professores do Estado de Santa Catarina.

Metros e metros de barbante, alguns tocos de lápis, alguma tinta, cola, folhas, plantas, frutas, um porco de plástico, folhas de papel, ... materiais usados como suporte para compor com esses encontros e ir dando forma aos “mapas” que deles se originam. Mas mapas não como produto final, como resultado a se compor.

Observando em perspectiva todas estas edições da oficina, com diferentes públicos e lugares, chega-se ao momento de um extrato, de uma reflexão maior. Sob o formato de um Trabalho de Conclusão de Curso, o intento foi percorrer esses encontros, suas repetições e pensar em suas particularidades; como podemos nos tornar outros com e a partir deles, como podemos (re)significar práticas e continuar pensando. Onde os mapas, juntamente com as palavras, seriam os modos que inventamos para dizer do que nos acontece, do que nos passa. Deste modo, nos aproximamos a medida que a pesquisa foi acontecendo de uma noção de cartografia como nos coloca Kastrup (2010), como método de pesquisa-intervenção, que busca acompanhar processos mais que representar objetos, pois o intento seria o percorrer o modo como se chega no mapa, como o mapa se faz mapa.

No entanto, poderíamos dizer que, diferentemente do que colocamos aqui há uma cartografia como processo de operação e estudo técnico-científico e artístico de forte base matemática, o mapa (como um dos produtos) seria tomado como

---

realizada durante o *XII Simpósio de Geografia (SIMGEO)*, da UDESC, em 2012. O processo de elaboração dessa oficina está inserido em um contexto de tentativas, apontamentos, erros e acertos, rascunhos, pesquisas e anotações, enfim, no processo de iniciação à docência propiciada pelo PIBID em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

<sup>9</sup> Denominado *mapa das sensações* mas que se transformou, paulatinamente, em *mapa sensacional* devido ao uso desse título por parte dos alunos em suas produções.

representação de um recorte de uma dada realidade, portador de uma base conceitual, simbólica e matemática específica, de cujo a Geografia se utiliza para dar conta de recortes espaciais que enfoca ou/e como uma ferramenta técnica para auxiliar a compreensão de informações dadas em determinado recorte e escala (econômico, educação, hidrográfico etc.).

Nesse sentido, o mapa como ferramenta documental, como colocam Girardi (2009) e Oliveira Jr. (2012), por sua força representacional, por seu estatuto imagético, aquele que parece transportar para o plano cartesiano o mundo tal como ele é, que diz a verdade sobre, funcionaria como legitimador não só de um recorte-mundo já definido político e socialmente, previamente delimitado, mas também de um fazer e ensinar Geografia, pois por sua reprodução constante, que se sobrepõem a outras formas de ver e dar sentido ao mundo faz surgir então aquela afirmação que “geografia é igual mapa, tem a ver com fazer mapas”. Ou de outra forma,

eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos – encontrarmos lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas (...). Podemos dizer que este é um gesto cultural nada inocente, de apagamento de outras maneiras de imaginar o espaço, de relacionar lugares, de estabelecer conexões e ações territoriais que não aquele ancorado nas marcas territoriais implementadas e reguladas pelo Estado. (OLIVEIRA Jr, 2011, p. 06).

De outra forma, poderíamos colocar também, ideia da qual nos aproximamos, que há um movimento no sentido de libertar a de uma função comunicativa/documental, como também nos aponta Oliveira Jr.(2012) e torná-la uma linguagem com capacidade de “criar obras que nos façam melhor entender o espaço contemporâneo e também tenham a potência de efetivar devires por nós desejados neste espaço”. Neste viés a cartografia não se reduziria ao mapa representacional da geografia ela seria antes

um mapa de relações que constituem uma topografia das forças invisíveis que o animam, forças que imantam a própria geografia. Menos que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela, primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo. (GODOY, 2013, p. 209).

O mapa então deixaria de ser tomado como representação de um dado recorte-mundo documental e estaria ligado ao signo da apresentação de um real, por se apresentar como imagem, como uma possibilidade de dizer do mundo, que possui uma linguagem que lhe é própria, um gesto cultural que não prescinde do cartógrafo e das condições que lhe estão postas, diz também do próprio modo de habitar e conceber o mundo. De outra forma, a construção primeira do mapa partiria não de uma representação do mundo que busca aos poucos se adequar ao que deve ou não aparecer nela, buscando recriar no papel uma cópia-mundo, mas sim a criação de sentido, a expressão, onde, para além de uma cópia do mundo, estaria inserido o modo como nos relacionamos com alguns de seus aspectos, como o vemos.



Arrastar o mapa e a cartografia para paragens onde eles se contaminam com outros universos culturais, com outras potencialidades enquanto linguagem e expressividade. A intenção seria a de fazer gaguejar, fender, torcer a linguagem cartográfica, levando-a a outras potências de si mesma, fugindo das cristalizações já estabelecidas que a engessam em certas imaginações do que ela já é e do que ela poderia vir-a-ser. (OLIVEIRA Jr, 2012, p. 11).

E aí toma-se uma linguagem que se constitui de forma concreta, que tem seus modos de ser e fazer, que estabelece seus contornos e que delimita sua capacidade de ser outra e lhe causa rasura, desobedece-se sua estrutura para fazer com que ela diga um pouco de si, que o mapa sensacional diga um pouco da forma de ser daquele mapa cartográfico, um pouco disso que é a experiência mesma do que nos acontece, pois a

linguagem desobedece naquela hora em que os silêncios assumem a duração do tempo e os sonhos adormecem a exigência substantiva; na hora em que a perplexidade governa o olhar e dá passagem ao desconhecer primeiro; na hora da morte tesa e do desejo úmido. A linguagem desobedece naquela hora em que a confusão é a única possibilidade da alma, na hora em que parece que a passagem da vida é detida pelas palavras e o roçar da língua demora mais de um século para pronunciar-se. (SKLIAR, 2014, p.15).

Como “escolher as palavras” para dizer de um acontecimento, para fazer rasurar a linguagem como sistema, sem a pretensão de substituir um pelo outro, de criar um outro dogma quando, como colocam Larrosa (2014) e de uma outra forma Skliar (2014), as palavras por vezes não dão conta de dizer da experiência, quando elas possuem essa vacuidade, essa incompletude frente ao mundo, que não é uma incapacidade, mas um deslumbramento?



Fig. 4 Composição de dois mapas sensoriais distintos

Pois, se ao contrário, de modo geral seguimos a tendência de significar e agrupar elementos que pareçam possuir uma homogeneidade, uma semelhança, ir assim, aos poucos, transformando o “desenho” horizontalizado, autocentrado, em um produto cartográfico ortogonal, métrico-decimal, para melhor compreendê-lo ou como possibilidade de reproduzi-lo. De outra forma, sem transformar um na imagem daquilo que nos remonta a palavra mapa, como se tivéssemos um mapa na cabeça, um único mapa, aprendido da mesma forma, como único modo de representação da realidade, ao ponto de fechar os olhos e a imagem que vem é a de um contorno já definido, cujas linhas se fecham com tanta força que não a ponta solta para puxar, aquilo que nos foi dito que é, e não que poderia vir a ser.

Como se, aos poucos, fossemos nos afastando dessa imagem que se apresenta “de dentro”, nos seus traços de singularidade e intensidade, e paulatinamente fossemos nos distanciando. Aquilo que é mínimo, as palavras, os detalhes seriam os primeiros a virar borrões. E se continuássemos nos afastando, esses borrões começariam a se mesclar com os desenhos, com as cores, com as linhas, e “lá de cima” então, veríamos tudo sumir lentamente ou transformar-se em uma massa pouco distinta, onde talvez, poderíamos nominar um ponto em meio ao pardo.

Tal processo tem algo de escolha, pois ao passo que se oferece a possibilidade do ensino de uma linguagem cartográfica (ensinar como fazer um mapa, o que é preciso nele conter, como interpretá-lo, o que auxilia o aluno em questões relativas à espacialidade de algumas informações e dados, localizações e compreensão dos fenômenos espacialmente localizados etc), ao mesmo tempo tende a causar um apagamento de outras formas de ver, apresentar e se relacionar com o mundo, e tal é que aos poucos elas (essas outras imagens) vão sumindo dos materiais didáticos do fazer

escolar de modo geral. Perde-se na potência da imagem que aquele tipo de “mapa” (outro tipo de visão do mundo) tem de nos ajudar a pensar e fabricar relações com o espaço. É urgente coabitar.

Assim (vide Fig. 4), mãos diversas se agrupariam em um único símbolo, com nome “tato”, palavras familiares se transformariam em conceito aglutinante, cores múltiplas em um tom que as condensa em uniformidade, nivelamento e paralelismo de linhas multiformes, em nome de um possível número de resultados, de significações prováveis, daquilo eleito para aparecer, que nos indiquem modos seguros de prosseguir e dizer. De forma geral sempre escapa a classificação que pretende enquadrá-lo.

Mas outra questão se interpõe, se por um lado há uma vontade de falar dos mapas naquilo que eles são e não do que devem ser, como dizer sobre algo que é de outro, que se passa com o outro - durante a oficina, por exemplo - que é subjetivo, singular, sem assumir essa postura de quem diz sobre tudo, que aponta uma verdade, aquela que informa, sem reduzir essa potência plural a um único modo de dizer as coisas?

Neste momento da pesquisa, ainda sob as reflexões do TCC, optou-se por diferentes formas de dizer do que acontece, destacando-se quatro “pontos de vista” ou entradas, para dizer da prática em si, que compõem a parte final do trabalho. Nenhuma foi autônoma ou autossuficiente, a ideia era que estabelecessem um jogo com algumas questões colocadas, de um fazer que é inseparável do conhecer, da pesquisa-oficina de seu proponente, o modo como ela se incorpora e afeta, e nessa relação produz modos de dizer.

Apontamos sobre esses modos distintos de dizer da oficina, como eles aparecem como proposição/exercício (e devem ser entendidos nesse contexto), como os mapas estão inseridos e nos ajudam a dizer da oficina e convidamos o leitor a pensar na imagem que deles emana ou evoca.

Como entrada, um movimento parte do proponente, aquele que organiza, aquele que pensa de antemão o percurso da proposta, como acontecimento futuro, distante, como distante é seu olhar, sempre de fora, sempre pensando no que será, sempre seguro, sempre antevendo, mas nunca se expondo, aquele que vê alguém passar. Desta forma, as imagens dos momentos de oficina são sempre as ligadas ao registro, as do instante fotográfico, representações daquilo que se diz, comprovantes de uma determinada situação que acompanha um texto cujo tempo é esse de um futuro que se remete ao passado como possibilidade de repetição do mesmo. Aqui, o que interessa estabelecer é um jogo com este observador externo (que só registra o aparente), aquele que vê de fora, aquele que não eu, que não está imerso no fazer, portanto distante o suficiente para não se deixar “contaminar”, não se deixar aparecer (buscando fazer um jogo com a questão do ponto de vista vertical do mapa).

Começamos a nos aproximar e vemos que aquele que propõe nunca está sozinho, que sua fala primeira só pode ser repartida, só poderia ser feita por outras mãos, conjuntamente. E então um relato – às vezes a três - aparece para dizer do que aconteceu, mas não na perspectiva do que será mais do que foi, por um ponto de vista, utilizando suas próprias observações e alguns registros. Trata-se de uma postura observante que imerge na prática, do ponto de vista de quem auxilia, que afeta e é afetado no fazer, e por isso é parte integrante da mesma, que começa a aparecer, a ficar exposto, a mesclar sua voz com as daqueles que participam, um movimento mais para perto, daquele que caminha lado a lado. Aqui as imagens compõem e acompanham o

texto, lhe dão força, ambas figuram como um modo de dizer que se relaciona com o fazer da oficina em sua prática, fazendo-nos por vezes relacionar momentos que do que se relata com traços que compõem mapas sensoriais.

Nos vemos agora cada vez mais perto, as vozes se confundem, a linguagem se faz outra, é preciso eleger outra língua para dizer, uma que diga dessas múltiplas vozes e visões, uma que diga ao outro o caminho. Opta-se por uma experiência audiovisual, uma que de conta de estabelecer essa aproximação, uma colagem fragmentada de momentos que, entre sonoridade e imagem, estabeleça um diálogo com o momento presente da oficina, intercalando pontos de vistas distintos, ora como observador da prática, ora evocando a posição de participante da mesma.

Menos que um registro fílmico de um acontecimento, *Andara*<sup>10</sup> é uma colagem entre sons e imagens que tenta estabelecer um jogo com a questão da oficina, trazê-la mais para perto, fazer reverberar algumas sensações, dar conta de dizer (o que acontece, esse indizível) de outra forma, cujo efeito é difícil (ou não se conseguiu) produzir por meio da palavra, o movimento.

Nos aproximamos tanto que por fim as intensidades e vozes se confundem, e pelo movimento dado elas já são indistintas, quando o caminho se mistura e se confunde com os pés. Assim um assume a posição do outro, não como exercício de verdade, de verificação da verdade (o que realmente acontece com o outro durante a oficina, ou o que significa aquilo que está posto nos mapas sensoriais), se não o da fabulação de um presente do ponto de vista de quem vive.

Frente à verborragia sistemática dos que sabem, a fábula é a ocupação poética do indizível, sua expressão e, ao mesmo tempo, o respeito para o indizível, sua conservação como misterioso inexprimível (...). O misterioso expressado poeticamente, ao conservar seu mistério, conserva-se como uma fonte infinita de sentido. Há um mistério – chamemo-lo, por comodidade, de mistério da formação. (LARROSA, 2010, p. 75).

Tratar-se-ia de uma conjectura, uma elucubração empática em associação livre, entremeada por detalhes dos mapas confeccionados, que serviriam de base para criar um modo de dizer da oficina que parte deles - os mapas - e que tenta dizer dela da perspectiva do instante, do presente, na duração mesma do acontecimento, ao mesmo tempo em que tenta explorar a potência das imagens-mapas como criadora de significados, de formas de dizer de si e do mundo.

Nisso assumimos a posição de quem experimenta mais do que somente propõe, já partilhamos a mesma essência da matéria que trabalhamos, somos intrínsecos aos seus traços singulares ao ponto de fazermos esse movimento de imersão, de sermos capazes de compor junto a ela nossos próprios modos de ser, de dizer e de habitar. Trata-se, sem dúvida, de um exercício livre que dá movimento ao pensamento, de (re) inventar formas de dizer com esses materiais que não parecem ter mais sentido, que se acumulam com o

---

<sup>10</sup> Andara. Direção: Danilo Stank Ribeiro. 5:40 min, Áudio visual. Florianópolis, 2013. Disponível em: [http://www.geoimagens.net/#!/\\_sc-videos](http://www.geoimagens.net/#!/_sc-videos). Apresentado em: V Seminário conexões –Deleuze e Território e Fugas e ... XII Simposio Internacional de Filosofia – Nietzsche/Deleuze, 2013, Campinas – SP.

fim de um percurso e início de outro mas que ainda são capazes de nos fazer pensar como chegamos até aqui, depois que se percorre esse caminho/pesquisa.

Talvez tenha chegado o momento de ampliar o quadrante, ampliar o foco, tentar verificar as redes de sustentação, de alimentação, de suporte que tornam essa experiência tão prolífica em significados e possibilidades. Um passo atrás e o que antes era tão nítido agora apenas se mostra em suas redes, em sua conectividade, em contornos simples. Dessa forma, talvez pensar no formato oficina no que ela tem de potente, de como diferentes materiais (temas) são trabalhados em oficinas diferentes, com encontros diferentes e como, de dentro, fazê-la transbordar para continuar em curso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTER, Paul. **A arte da fome: ensaios, prefácios, entrevistas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CORRÊA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. **Pedagogia Libertária: experiências hoje**. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

GIRARDI, Gisele. Mapas Desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Proposições**. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação- Unicamp, v. 20, n.3(60) – set/dez. 2009. (p.147-157).

GODOY, Ana. **Oficinas experimentais**. 2011. Disponível em: <https://sites.google.com/site/outrasecologias/oficina-um-modo-de-pensar-um-modo-de-fazer>. Acesso em: 08/03/2015.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (orgs.). **Grafias para pensar a investigação educacional a partir de uma experiência de formação espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 209–222.

KASTRUP, Virgínia. Cartografia é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da (orgs) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 5º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Revista Educação e Realidade**, v.33, n. 1, jan/jun 2008. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2008.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-posições:** Dossiê A Educação pelas imagens e suas geografias. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP, V.20, no. 3 (60) set./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de América Central.** Costa Rica: Número Especial EGAL, p. 1-16, 2011.

\_\_\_\_\_. Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, nº 12, p.01-49, Julho, 2012.

SKIALR, Carlos. **Desobedecer a linguagem:** educar. Tradução: Giane Lessa. 1a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido/ Coordenadores: Jorge Larrosa, Walter Kohan).

RIBEIRO, Danilo Stank, DESIDERIO Raphaela, PREVE, Ana Maria Hoepers. Geografia experimental do corpo ou de como se chega a dizer outra coisa da geografia, da terra, do mundo... In: **V Seminário Conexões – Deleuze E Território E Fugas E... Xii Simpósio Internacional De Filosofia – Nietzsche/Deleuze**, 2013a, Campinas – SP.

RIBEIRO, Danilo Stank. Geografia Experimental do Corpo: Uma proposta para uma iniciação cartográfica. In: **Encontro De Práticas De Ensino De Geografia Da Região, Ensino De Geografia No Contemporâneo: Metodologias Vivências Escolares**, 1, 2013, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013b. p.440 – 450. Disponível em: <http://enpegsul.wix.com/enpegsul#!apresentaes-de-trabalho/c1ajm>.